



«PRECISAMOS DE UMA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL, RESILIENTE E INCLUSIVA»

Olivier de Matos, director geral da CropLife Europe, defende que é urgente disponibilizar ao sector agrícola as ferramentas certas para uma transição eficaz na forma como produzimos os alimentos.

Frisa a importância de um quadro regulamentar que permita um acesso rápido à inovação e uma estratégia de cooperação entre os vários agentes.

Ana Gomes Oliveira

Quais são os principais objectivos da CropLife Europe?

Antes de ser CropLife Europe, a associação chamava-se ECPA (European Crop Association), cujo principal foco incidia apenas nos pesticidas convencionais, ou seja, tudo o que era relativo à autorização de substâncias, à protecção das plantas, numa vertente relacionada com os aspectos regulamentares e técnicos. Em Janeiro de 2021 nasceu então a CropLife Europe, com o intuito de ser mais eficaz e representativa da realidade actual. É neste contexto que hoje somos uma associação

que trabalha com o que chamamos “caixa de ferramentas”, os instrumentos que estão disponíveis para os agricultores e que permitem a transição do sector para uma nova forma de fazer a agricultura, face aos desafios que se impõem, como por exemplo as alterações climáticas ou a estratégia europeia. Essa “caixa de ferramentas” assenta em quatro pilares: os pesticidas convencionais; os biopesticidas; a biotecnologia das plantas (onde se incluem as novas técnicas genómicas); e a agricultura digital e agricultura de precisão. Falamos de

ferramentas que estão à disposição dos agricultores e que são inclusivas. Os produtores podem utilizar os quatro pilares, ou apenas os que entenderem, dependendo do modelo de produção que implementaram. A nossa ambição é ajudar os agricultores europeus na transição para uma agricultura mais sustentável e resiliente, mas também mais inclusiva. Isso consegue-se com o fornecimento da maior “caixa de ferramentas” possível, para que possam escolher. No passado, o objectivo era pensar o sintético, agora o foco é bem mais alargado, reflectindo a realidade e incorporando tudo o que vai ser necessário para implementar a transição. Sabemos que temos de alterar o modo de produzir alimentos e, com esse objectivo de transformação, o papel da CropLife é mesmo ter essa “caixa de ferramentas” à disposição.

Que iniciativas têm levado a cabo para o cumprimento desses objectivos?

Estabelecemos seis compromissos até 2030 centrados em três áreas: inovação e investimento; economia circular; e protecção das pessoas e do ambiente. Na área da inovação e investimento, a ideia é apostar em acelerar a capacidade dos agricultores para combate a pragas e doenças, protegendo o ambiente. Nesta vertente, temos o compromisso de investir 14.000 milhões de euros em biopesticidas e agricultura digital e de precisão (10.000 milhões para agricultura digital e 4.000 milhões para biopesticidas). Na área da economia circular, o



grande desafio prende-se com os resíduos plásticos provenientes dos produtos pesticidas, cujas embalagens têm de ser recolhidas e tratadas. Neste momento, a taxa de retoma de resíduos de embalagens de produtos fitofarmacêuticos na UE é de 66% e nós queremos chegar aos 75% em 2025. Paralelamente, queremos desenvolver e disponibilizar um sistema de recolha dos resíduos plásticos, pois sabemos que nem todos os países da União o têm. Uns precisam ser melhorados, e



Somos especialistas em armazenamento reefer

- Armazenamento com temperatura controlada (de 0°C a 18°C / 0°C a -22°C)
- Armazém com 3.000 m², dos quais 2.000 m² dedicados a carga refrigerada
- Autorização aduaneira à exportação e Importação (Entreposto Aduaneiro)
- Controlo veterinário

Excellence in Maritime and Logistics Services

Estrada da Quinta dos Conegos 2580-465 Carregado (Portugal)
M +351 91 887 18 80 - reeferptlis@marmedsa.com

www.noatummaritime.com



outros não têm nada, vão partir do zero. Por isso, temos elementos na CropLife que trabalham a 100% nesta área da economia circular. É ambicioso, mas é uma das metas a alcançar.

Como está Portugal nessa matéria?

Em Novembro, a CropLife realizou um *workshop* sobre os sistemas de recolha de resíduos plásticos que existem na Europa e Portugal foi dado como um exemplo fantástico, com a estrutura que tem implementada.

E na área da protecção das pessoas e do ambiente, quais são as ambições?

Aqui, o objectivo passa por facilitar o acesso às novas tecnologias. Temos o compromisso de dar formação a um milhão de agricultores e consultores nas boas práticas para a saúde e também na utilização da água e protecção do ambiente. Chegar a um milhão é muito, mas o balanço é positivo. Começámos há dois anos a fazer esta formação e, mesmo com o covid pelo meio, já conseguimos chegar a 112 mil pessoas, estamos a falar de 10%. Esta capacitação passa por informar, treinar, explicar, no fundo, queremos que os intervenientes tenham acesso aos melhores métodos, e que apliquem essas práticas de forma natural. Queremos ajudar nessa transição. Por outro lado, temos também uma tecnologia de CTS (Closed Transfer Systems) para reduzir ainda mais a exposição dos operadores às substâncias e disponibilizar essa tecnologia a 100% dos produtores até 2030. Mais uma vez é uma meta ambiciosa, mas entendemos que sem ambição, não se evolui.

Diria que estas são as principais iniciativas para o cumprimento dos objectivos a que nos propusemos.

E como está a correr?

Os seis compromissos que traçámos para 2030 estão todos a avançar muito bem. Isso reflecte o empenho das empresas e também das associações nacionais para atingirem os objectivos propostos pelos compromissos. Devo referir que a CropLife não integra apenas membros ou empresas, mas também associações nacionais. Temos 21 empresas associadas – dessas 21, temos grandes grupos como a Bayer, Syngenta, Basf ou Corteva, mas também médias e pequenas empresas. Depois, temos uma rede de 32 associações nacionais, cujos membros vão além do espaço da União Europeia, porque têm associados no Reino Unido, na Turquia, Ucrânia ou Suíça. Isto faz com que a nossa área de intervenção seja mais alargada. Esse é um factor diferenciador e uma mais-valia na CropLife.

Quais os principais constrangimentos para a transição do sector agrícola?

Apoiamos o investimento em inovação, mas o legislador europeu também tem de incentivar e apoiar. O sentimento geral dos agricultores é de que as leis europeias que são publicadas e que estão em preparação tiram, mas não dão. Ou seja, proíbem a utilização de substâncias, mas não há visão quanto a alternativas no apoio à transição. E este apoio não passa necessariamente por dinheiro, mas sim acesso às tecnologias. Como por exemplo os biopesticidas. Existem, estão disponí-



fitoalgas green®

Ascophyllum nodosum



- **Ativa e melhora o metabolismo das plantas**
- **Previne o *stress* abiótico, através do fornecimento de ingredientes ativos naturais provenientes da *Ascophyllum nodosum***
- **Obtido através de um processo de extração a frio (*Gentle Extraction*), preserva todos os ingredientes ativos (polifenóis, manitol, polissacarídeos, vitaminas e pigmentos), garantindo a sua biodisponibilidade e forte ativação do metabolismo vegetal**
- **Especialmente recomendado para estados críticos ao longo do ciclo da planta (germinação/transplante, floração, vingamento)**
- **O seu pH fisiológico de 4-4,5 contribui para uma excelente compatibilidade para aplicação foliar e para a absorção pelas folhas**



Contactos
Avenida do Rio Tejo - Herdade das Praias
2910-440 SETÚBAL, PORTUGAL
www.tradecorp.pt
Tradecorp Portugal - LinkedIn



veis, mas levam muito tempo a chegar ao mercado porque a metodologia de avaliação ainda demora muito tempo. Noutras regiões do mundo é um processo que demora dois a três anos, no máximo, enquanto na Europa demora cinco anos. É um problema. Por exemplo, quanto a novas técnicas genómicas – sabemos que na proposta da Comissão Europeia a ser publicada em Junho deverão ter um quadro regulamentar específico –, estas também não podem esperar dez a 15 anos por uma autorização. Se temos objectivos de redução no uso de pesticidas, temos de dar as ferramentas certas ao agricultor.

Que outros caminhos são precisos fazer para ultrapassar os actuais desafios?

Temos de olhar para o problema de forma holística e todas as soluções têm de ser consideradas. A Smart Farm da Anipla, instalada na Companhia das Lezírias, é uma demonstração fantástica do que podemos fazer como sector, juntos. A cooperação entre agentes e a demonstração das boas práticas são fundamentais. Explicar é inerente a toda esta visão. O papel da informação é também determinante. Mas reforço, é preciso ter acesso a novas tecnologias e esse acesso tem de ser rápido. Paralelamente, precisamos de um quadro regulamentar e apoio financeiro.



Da sua percepção, qual a situação de Portugal face aos restantes Estados-membros?

O que vejo aqui de Bruxelas é que em Portugal não temos muito dinheiro, mas temos muita vontade. Estamos sempre abertos ao progresso, principalmente o nosso sector, que procura a forma mais eficaz para resolver o problema o mais rapidamente possível e com um custo menor. A nossa situação é complicada. A par com Espanha, estamos numa zona muito afectada pelas alterações climáticas e muito exposta a pragas e doenças. A Península Ibérica é das mais afectadas do Mundo. E se a situação já é difícil, ainda será agravada com o aparecimento de novas pragas, doenças e infestantes. Mais uma vez, demonstra-se a necessidade de termos acesso a novas tecnologias e à inovação. Estamos a falar de problemas que ainda não surgiram, mas que vão aparecer e para os quais temos de estar preparados. Temos um trabalho a fazer na adopção de boas práticas, na optimização. Na verdade, Portugal tem feito um bom trabalho e está no bom caminho. Segundo dados do Eurostat, tivemos uma redução de 30% nas vendas de fitofármacos entre 2011 e 2020. Portugal é o segundo país da lista com a maior redução e estes números dão-nos a ideia clara do esforço que o nosso sector está a fazer no panorama europeu. Há ainda o posicionamento de Portugal face às metas de redução do uso de produtos fitofarmacêuticos no âmbito da proposta de regulamento sustentável, que está ainda em discussão. No que se refere às substâncias de maior risco, já diminuímos 50%, o que é um excelente dado. Portugal tem ideias e tem vontade de transformar. Acredito que conseguimos, mas é cada vez mais urgente disponibilizar as ferramentas para fazer face aos desafios e para garantir a viabilização das culturas e a disponibilização dos alimentos. Não podemos relaxar. Todos querem a transição, só precisamos de saber como. Uma coisa é certa, temos de estar todos juntos a trabalhar na mesma direcção.

Como descreveria o panorama geral da indústria europeia ligada à área da protecção das plantas?

A indústria operou uma transformação para poder responder aos desafios. Estávamos num pilar e agora temos de olhar para todas as ferramentas, para a tal caixa. Temos as alterações climáticas, o aumento da população, uma guerra na Europa, que também não ajuda... há outras partes do mundo que necessitam da Europa para poder comer, como por exemplo a África do Norte que depende muito dos cereais. Não podemos esquecer que houve vários problemas a nível nacional em diversos países ligados à fome. E ligado a isto temos a questão do desperdício alimentar. Temos de ter mais consciência disso. É um contexto que levou a indústria a procurar respostas a esses desafios e a preparar o futuro. Temos de estar cientes desta urgência. Por isso falava da transição para uma agricultura sustentável e resiliente que se possa adaptar ao futuro, mas que também seja inclusiva. Estamos todos no mesmo barco e fazemos todos parte da solução. E 2030 é já amanhã. São sete colheitas até lá. O que é muito pouco. ●